



POUSAR O OLHAR NOS VARAIS E FAZER DELES UM “LUGAR” (À MODA DE TUAN)

Em dias ensolarados como este, penduradas em varais externos, com cordão ou arame, mais ou menos improvisados, peças recém-lavadas secam ao sol e vento. Calças, camisolas, toalhas, lençóis, peças dispostas numa ordem meticulosa e equilibrada, atenta à força e direção do vento, bem como à incidência do sol. Há toda uma arte de harmonizar a roupa de uma família numa mesma corda.

Podemos ler esse gesto como um índice de um esforço físico cuidado e rigoroso feito por quem estendeu a roupa, em geral mulheres, e como sendo o resultado material de uma gramática sociocultural e de moralidades (pública e privada).

Pousemos os olhos nos detalhes. É preciso saber pôr a secar a roupa em público. Há todo um sentido de bem estender, bem como de lavar e arrumar. Com base numa etnografia visual das práticas de cuidado da roupa em casas britânicas, a cientista social Sarah Pink (2007) mostra como as atividades domésticas respondem à necessidade de criar uma “casa” (no sentido de lar) e de as mulheres constituírem as suas próprias feminilidades e moralidades. Prestar atenção e dar conta dos detalhes triviais, ou pouco visíveis, da experiência quotidiana da vida urbana, faz parte das tarefas que a plataforma de arte e cultura urbana (Passeio) do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) tomou como sua. Assenta no pressuposto de que o insignificante nos dá chaves e pistas para identificar, interrogar e vincular pequenos relatos da vida quotidiana com processos e mundos sociais mais amplos. Tal tarefa, mostra a extensa investigação que responde a este desiderato, como a desenvolvida, por exemplo, pelo historiador

Michel de Certeau e o filósofo Henri Lefebvre, requer imaginação e a adoção de uma atitude sensível outra que contribua para tornar estranhos modos habituais de experienciar objetos, ambientes e eventos, e para alimentar a curiosidade de olhar para as coisas familiares de um modo diferente, mais aberto e receptivo a que elas falem conosco. Ao invés de nos guiarmos por um olhar com preocupações pragmáticas, que tendem a dominar na vivência diária, suspendemos esse tipo de preocupação para experienciar o quotidiano urbano de uma forma desinteressada.

Como falar dessas coisas comuns, do que existe, do que somos, daquilo que escapa ao radar da imprensa diária ocupada que está com o escandaloso e o extraordinário, pergunta o ensaísta Georges Perec na sua obra *L'infra-ordinaire* (1989, pp. 18-19).

Seguindo esta inspiração, a roupa estendida deixa de ser evidente, um objeto natural e passa ser alvo de interesse e curiosidade, nas suas particularidades. Neste micro ensaio deixo-me interpelar pela roupa a secar em estendais colocados no exterior de janelas, nas varandas e mesmo no espaço público, com os quais me deparo ao caminhar pelas ruas da cidade de Braga. Trata-se de um objeto mundano que quem caminha por estas ruas espera ver, ainda que de forma inconsciente. Simultaneamente, o encontro reiterado com varais de roupa a secar nas fachadas dos edifícios vai renovando e sedimentando a ideia comum de que fazem parte da urbe.

Das memórias (pessoais e coletivas) das cidades portuguesas, e das suas paisagens semióticas tradicionais ou “pitorescas”, constam seguramente as cordas nas janelas com roupa lavada a secar. Em diferentes imaginários urbanos (Silva, 1992), tal imagem está associada aos países do Sul europeu e, em geral, aos países do Sul global. Esta associação também é alimentada pelas construções discursivas oferecidas por práticas artísticas diversas que participam do modo como cada cidade se faz. Recentemente Mr Dheo, artista urbano, materializou a imagem dos varais e a sua poeticidade num mural, no cimo da Escadaria dos Guindais, entre alguém que estende roupa de forma alinhada e as rosas e camélias dos jardins, “para que o Porto tivesse ainda mais orgulho da sua identidade”, refere o artista em entrevista ao *Ágora do Porto* (Reis, 2023). Terá sido porventura esse tipo de orgulho que mobilizou, em 2019, a população das cidades do litoral croata contra a proibição de pôr a secar roupa no exterior e em defesa dos *Tiramoli* ou varais. Uma realidade que, num contexto propiciador, pode até motivar “conflitos” interculturais, como o noticiado pela RFM em 2022 (*Turista polaco criticou os portugueses por estenderem roupa na rua e foi atacado. Tudo aconteceu nas redes sociais, onde o turista fez uma publicação a pedir uma lei que proíba os portugueses de estenderem a roupa na rua*).

Para além do potencial simbólico identitário e do elemento poético que a roupa colorida a esvoaçar ao vento atualiza ou torna presente, sobretudo para aqueles veem, interpretam e experienciam a cidade pelo uso caminhado, importa

convocar ainda os modos como as práticas domésticas de pendurar a roupa em meio urbano são capazes de produzir realidades materiais, mutáveis e alternativas às planejadas nas políticas urbanas, com benefícios ambientais inegáveis. A inventividade, dizem-nos Lebefvre (1961) e de Certeau (1980), é parte integrante do fabrico da vida quotidiana.

Nas cidades do Sul global, o luxo de abastecimento de água em quantidade suficiente e o uso de máquinas de lavar é ainda um privilégio de poucos, bem como o de máquinas de secar. No seu aspeto material, estender a roupa no varal equivale a usar um espaço para secar a roupa recém-lavada, a maneira mais económica de cobrir a carência de outros meios. Muitas vezes as habitações não têm um espaço destinado à tarefa e têm pouca luz solar no interior. Quem nelas habita recorre a várias estratégias inventivas para responder a tais necessidades, prolongando o espaço interior para o exterior ou, dito de outro modo, produzindo um espaço intermediário, um *espaço* entre que reconcilia ou liga o público e o privado. Falamos de estratégias que podem estar sustentadas na articulação entre vizinhos e na construção de uma certa noção de comunidade (Roquefort & Medina, 2021). Nesse quadro, é curioso registar que a Deco, a “maior organização de consumidores” em Portugal, no seu espaço online dedicado aos condomínios, inclui um conjunto de recomendações sobre o assunto: *Conflitos com a roupa estendida: como resolver?*

Numa ótica mais positiva, para que nos chama atenção a filósofa norte-americana Yuriko Saito (2017) na sua *Estética da Vida Quotidiana Familiar*, a roupa estendida que vemos a secar nas janelas, tantas vezes associada à pobreza, a zonas da cidade empobrecidas e populações migrantes, dá um sentido de humanidade e fragilidade a um ambiente que seria uniforme e rígido, não fosse a presença desses objetos. Ao mesmo tempo, os varais podem ser lidos como signos da resiliência e dignidade de quem habita nesses espaços, não obstante as dificuldades inimagináveis. Servem também para alimentar sentimentos de vizinhança e sensações que associamos à ideia de casa. Evoco a este propósito o uso que o Coletivo Pátio, “um coletivo de criativos”, faz da metáfora do *Estendal* para designar o festival itinerante de curtas-metragens que organiza “para celebrar a vida de bairro e espalhar cinema por esses estendais fora”.

O potencial estético e político da roupa estendida em contextos urbanos aqui sublinhado choca com a atitude punitiva dominante no Norte global, não obstante os claros benefícios ambientais da prática e a proliferação nesses países de movimentos apologistas do *slow living*. O ideal do *slow living* parece combinar com a lentidão necessariamente implicada na atividade de estender a roupa e de a apanhar (e dobrar), bem como com o tempo necessário para apreciar a beleza do que muda na rotina quotidiana de estender a roupa — as estações do ano, a meteorologia, as cores, as peças de roupa — uma beleza referida por Laura, participante num estudo empírico *sobre A presença de beleza na gestão da vida quotidiana*, feito por Pauliina Rautio (2009), no campo da educação.

Face aos benefícios ambientais e terapêuticos referidos, são as convenções sociais, e julgamentos morais associados que parecem dominar ainda o modo como os consumidores do Norte global lidam com a lavagem doméstica (Klint, Johansson & Peters, 2023). Razões que podem também ajudar a explicar porque é que as práticas domésticas de

lavagem da roupa têm recebido pouca atenção dos urbanistas, apesar da sua centralidade na vida urbana quotidiana. Não será por acaso que a frase idiomática “lavar a roupa suja em público” é usada para criticar a exposição pública de detalhes que deveriam permanecer privados. A investigação existente sobre a história deste objeto mundano e práticas associadas mostra como estão ligadas a mudanças na posição das mulheres, em casa e fora dela (Lupton, 1993; Van Herk, 2002), mudanças essas que imbricam com relações de classe e relações socio-espaciais (Watson, 2015).

Zara Pinto-Coelho

Braga, 29 de março de 2024

Referências

Coletivo Pátio. <https://www.coletivopatio.com/copy-of-cinema-no-estendal-4>

Costa, M. (2022, 13 de janeiro). Turista polaco criticou os portugueses por estenderem roupa na rua e foi atacado. *RFM*.

Deco. <https://www.condominiodeco.pt/informe-se/artigos/vizinhos/conflitos-roupa-estendida>

de Certeau, M. (1980). *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*. Gallimard.

Lefebvre, H. (1961). *Critique de la vie quotidienne II, Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. L'Arche.

Lupton, E. (1993). Love, leisure and laundry. In E. Lupton, *Mechanical brides Women and machines From home to office* (pp. 15-27). Cooper-Hewitt.

Klint, E.; Johansson, L.-O. & Peters, G. (2023) No stain, no pain – A multidisciplinary review of factors underlying domestic laundering. *Energy Research & Social Science*, 84. <https://doi.org/10.1016/j.erss.2021.102442>

Perec, G. (1989). *L'infra-ordinaire*. Seuil.

Pink, S. (2007). The sensory home as a site of consumption: Everyday laundry practices and the production of gender. In E. Casey & L. Martens (Eds.), *Gender and consumption: Domestic cultures and the commercialisation of everyday life* (pp. 163–181). Ashgate.

Rautio, P. (2009) On hanging laundry: The place of beauty in managing everyday Life. *Contemporary Aesthetics*, 7. <http://hdl.handle.net/2027/spo.7523862.0007.007>

Reis, J. (2023, 11 de dezembro). Do alto dos guindais, Mr Dheo convida dona Rosa a olhar o porto.

<https://www.agoraporto.pt/noticias/do-alto-dos-guindais-mr-dheo-convida-dona-rosa-para-olhar-pelo-porto>

Roquefort, R. S. & Medina, L. C. (2020). Ropa tendida: Gestos de la experiencia cotidiana de la ciudad. *Rev. Rupturas*, 10(2), 127-142.

Tuan, Y-F. (1997). *Space and place: The perspective of experience*. University of Minnesota Press.

Saito, Y. (2017). The aesthetics of laundry. In Y. Saito, *Aesthetics of the familiar Everyday life and world-making* (pp. 115-140). Oxford University Press.

Silva, A. (1992). *Imaginarios urbanos: cultura y comunicación urbana*. Tercer Mundo Editores.

Van Herk, A. (2002). Invisible laundry. *Signs*, 27(3), 893-900.

Watson, S. (2015). Mundane objects in the city: Laundry practices and the making and remaking of public/private sociality and space in London and New York. *Urban Studies*, 52(5), 876–890.

LOCALIZAÇÃO





LOCAL: **BRAGA**

LATITUDE: **41.5454486**

LONGITUDE: **-8.426506999999999**

[< ARTIGO ANTERIOR](#)



SIGA-NOS [f](#) [@](#)

©Universidade do Minho. Todos os direitos reservados. Com apoio do FCT.

O site da passeio.pt foi desenvolvido no âmbito do projeto UID/CCI/00736/2013, financiado pelo COMPETE: POCI-01-0145-FEDER-007560 e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), sendo atualmente apoiado pelo projeto UIDB/00736/2020, financiado pela FCT.



COMPETE
2020



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

blisa